

A UTILIDADE DO “INÚTIL” NO ENSINO RELIGIOSO

THE USEFULNESS OF THE “USELESS” IN RELIGIOUS EDUCATION

George Carlos Felten¹

Resumo: O artigo discute a tensão entre “utilidade” e “inutilidade” no ensino confirmatório, argumentando que práticas consideradas inúteis pela lógica utilitarista contemporânea desempenham papel essencial na formação cristã. A partir de Martinho Lutero e seus escritos sobre a educação, o artigo mostra que a redução do valor das coisas ao seu retorno imediato empobrece tanto a vida humana quanto a experiência catequética. O estudo identifica três dimensões “inúteis” fundamentais para o processo formativo: a contemplação da criação, as brincadeiras e dinâmicas e o uso da arte e de abordagens pedagógicas diversificadas. Tais elementos favorecem a reflexão, o vínculo afetivo com o pastor, a aprendizagem significativa e a percepção da fé como realidade que transcende a mera função prática. O artigo conclui que o ensino confirmatório deve integrar utilidade e “inutilidade”, reconhecendo que aspectos não produtivos da experiência humana podem ter profunda utilidade pedagógica, espiritual e comunitária no amadurecimento da fé cristã.

Palavras-chave: Ensino confirmatório. Utilitarismo. Pedagogia luterana. Múltiplas inteligências.

¹ Graduado em Teologia pela ULBRA (2015). Especialista em Teologia e Ministério Pastoral pelo Seminário Concórdia (2018), em Aconselhamento Pastoral pela EST (2023), em Orientação Educacional e Gestão Escolar pela Universidade LaSalle (2025). Mestre em Teologia (M.A.) pelo Concordia Seminary, St. Louis, MO – EUA (2020). É capelão escolar do Colégio Luterano Arthur Konrath – Estância Velha, RS.

Abstract: The article discusses the tension between “utility” and “inutility” in Confirmation Instruction, arguing that practices considered useless within contemporary utilitarian logic play an essential role in Christian formation. Drawing on Martin Luther and his writings on education, the article shows that reducing the value of things to their immediate return impoverishes both human life and the catechetical experience. The study identifies three fundamental “useless” dimensions for the formative process: the contemplation of creation, games and interactive activities, and the use of art and diverse pedagogical approaches. These elements foster reflection, strengthen the affective bond with the pastor, promote meaningful learning, and shape a perception of faith as a reality that transcends mere practical function. The article concludes that Confirmation Instruction should integrate both utility and “inutility,” recognizing that non-productive aspects of human experience can have profound pedagogical, spiritual, and community value in the maturation of Christian faith.

Keywords: Teaching confirmation. Utilitarianism. Lutheran pedagogy. Multiple intelligences.

INTRODUÇÃO

Não são poucas as vezes que me deparo com crianças e adolescentes fazendo as mesmas perguntas que eu e você (muito provavelmente) também fazíamos: “Mas para que eu preciso aprender isso?!”; “Onde eu vou usar isso na minha vida?!”; “Você que é adulto, já teve que usar isso fora da escola?!”

Geralmente eles não estão se referindo às aulas de ensino religioso, é claro, pois na minha frente não teriam tal audácia. Eles referem-se à fórmula de Bhaskara, às orações subordinadas sindéticas e assindéticas, ao que pensava Platão ou Aristóteles sobre a realidade do mundo, à diferença entre o Barroco e o Neoclassicismo, ao sujeito da primeira frase do Hino Nacional Brasileiro, ao que deu início à Primeira Guerra Mundial, e assim por diante.

A partir desses primeiros parágrafos, imagino que você possa ter reagido conforme uma das duas seguintes possibilidades: ou você concordou com este grupo de alunos de 10 a 18 anos das escolas brasileiras, dizendo que realmente esse tipo de assunto não deveria ser ensinado porque não

leva a nada, é inútil; ou você ficou indignado com esses questionamentos que limitam a validade de um assunto à sua “utilidade”. Veremos se este pequeno (e inútil) texto ajuda você a refletir novamente sobre o assunto.

Acontece que essas perguntas revelam uma maneira muito particular de enxergar o valor das coisas: sob o prisma de uma lógica de utilidade que mede o conhecimento, a arte e até a fé pelos resultados imediatos que elas produzem. Vivemos em uma época que ensina desde cedo a avaliar tudo com base em sua aplicação prática e em seu retorno visível. E é justamente por isso que o ensino confirmatório, espaço de formação para a vida cristã, precisa provocar um deslocamento: nele aprendemos que nem tudo o que é essencial se mostra útil aos olhos do mundo. Há valores, verdades e experiências que não cabem nas categorias de eficiência ou produtividade, mas que, paradoxalmente, sustentam a vida e a fé.

Se a instrução de confirmandos tem como objetivo continuar a formação cristã para uma vivência autêntica da fé, ela não deve se restringir apenas ao que o mundo chama de “útil” também na sua forma. A vida que Deus nos concede não é feita apenas de coisas práticas e mensuráveis; ela é tecida também de mistério, beleza, contemplação e gratidão. Assim, há um profundo valor pedagógico em lidar com aquilo que, à primeira vista, parece “inútil”. É justamente nesse espaço onde não há pressa de produzir resultados que o coração se abre para ouvir, refletir, orar e amadurecer na fé. Há utilidade até naquilo que o mundo despreza como inútil, pois Deus frequentemente usa o que é pequeno, frágil e sem brilho para ensinar o essencial.

Antes, porém, de prosseguirmos nessa reflexão sobre o papel do “inútil” no ensino confirmatório, é importante compreendermos o que realmente queremos dizer com essa palavra. O risco é grande de falarmos sobre utilidade e inutilidade sem perceber que usamos esses termos com sentidos muito diferentes.

DEFININDO OS TERMOS

Eu imagino que esta palavrinha, *inútil*, quando lida no título deste texto, já tenha lhe causado certa estranheza e até mesmo levantado algumas pedras para serem atiradas contra este autor: “Como assim, coisa inútil na

igreja?! Eles já perdem muito tempo com bobagens na escola, no celular, em casa. Vão fazer coisas inúteis agora no ensino confirmatório também?”

É que este termo carrega em si um sentido muito negativo, especialmente no mundo tão utilitarista em que nós vivemos. Para nós, hoje, “inútil” é sinônimo de ruim, enquanto “útil” é sinônimo de bom. Não é nesse sentido que esta reflexão está usando esses termos.

Agostinho de Hipona, certa vez, definiu essas palavras da seguinte forma: “As [coisas] que são objeto de fruição (*frui*) fazem-nos felizes. As [coisas] de utilização (*uti*) ajudam-nos a tender à felicidade e servem de apoio para chegarmos às que nos tornam felizes e nos permitem aderir melhor a elas” (Agostinho, 2002, I. 3,3).

Em outras palavras, o *uti* (útil), para Agostinho, corresponde às coisas criadas que são instrumentos, ou seja, realidades das quais fazemos uso para nos conduzir ao que é eterno. Já o *frui* (que poderíamos traduzir aqui por “inútil”) se refere àquilo que é eterno, imutável e que possui fim em si mesmo. Não se trata de algo que usamos para alcançar outra coisa, mas da realidade última em que o coração humano encontra descanso. Esse gozo verdadeiro é o repouso em Deus, como ele mesmo expressa nas suas *Confissões*: “[...] nosso coração está inquieto enquanto não encontrar em ti descanso” (Agostinho, 2017, I. 1). Resumindo simplisticamente, tudo o que é transitório deve ser usado (*uti*) de modo a orientar nossa vida para o que é definitivo, que é Deus mesmo, o único que deve ser gozado (*frui*) como fim último.

Um dos maiores pensadores brasileiros da educação, Rubem Alves (1933-2014), que também era PhD em Teologia (mas deixaremos sua teologia de lado nesta discussão!), usa Agostinho para criar uma analogia que justamente vem ilustrar a definição para “útil” e “inútil” que queremos defender neste texto. Refletindo sobre o que se deve ensinar nas escolas, Alves (2010, s/p) traz a metáfora da “Caixa de Ferramentas” e da “Caixa de Brinquedos”.

O corpo carrega duas caixas. Na mão direita, mão da destreza e do poder, ele leva uma caixa de ferramentas. E na mão esquerda, mão do coração e do prazer, ele leva uma caixa de brinquedos. [...] A primeira tarefa de cada geração, dos pais e das escolas, é passar aos filhos, como herança, a caixa de ferramentas. Para que eles

sobrevivam e não tenham de começar da estaca zero. Diante da caixa de ferramentas, a primeira pergunta que um professor tem de fazer é: “Isso que estou ensinando é ferramenta para quê? De que forma esse conhecimento aumenta a competência dos meus alunos para viver a sua vida?” [...] Mas há uma outra caixa, na mão esquerda, a mão do coração e do prazer. Essa caixa está cheia de coisas inúteis que não servem para nada. Lá estão um livro de poemas da Cecília Meireles, a estória de “Alice no País das Maravilhas”, um pé de jasmim, um quadro do Monet, uma sonata de Mozart, um banho de cachoeira, um beijo... Coisas inúteis. E, no entanto, elas são parte da vida e nos fazem sorrir. E não é para isso que se educa? Para que saibamos, além de viver, sorrir e ter prazer?

Na verdade, os termos “útil” e “inútil” não carregam, para esta reflexão, valores diferentes, ou seja, não se trata de um sobre o outro, de um *bom* e outro *ruim*. São, sim, coisas diferentes e concomitantes. Enquanto “útil” equivale a algo que nos auxilia a chegar a alguma outra coisa ou conquista (geralmente inútil!), o “inútil” é aquilo que já possui um objetivo em si mesmo, algo que não leva a algo além, mas já chegou lá.

Para ser bem luterano, quando pensamos na vida falamos de uma tensão entre o “útil” e o “inútil”, entre a *fruição* e a *utilidade*, entre a *caixa de ferramentas* e a *caixa de brinquedos*: a vida carrega aspectos úteis e que são muito bons e necessários, mas também carrega aspectos inúteis e que também são muito bons e necessários. Não se trata, portanto, de uma definição dicotômica entre um e outro, mas, sim, de uma *tensão* onde tanto o útil quanto o inútil são bons e necessários.

UM MUNDO UTILITARISTA

No universo do utilitarismo, um martelo vale mais que uma sinfonia, uma faca mais que um poema, uma chave de fenda mais que um quadro: porque é fácil compreender a eficácia de um utensílio, enquanto é sempre mais difícil compreender para que podem servir a música, a literatura ou a arte (Ordine, 2016, p. 12).

O filósofo italiano Nuccio Ordine (aliás, *filósofo*? Que profissãozinha bem *inútil*, não?), falecido em 2023, compilou um pequeno e provocante

livro intitulado *A utilidade do inútil*. Neste livro, ou, *manifesto*, Ordine (2016, p. 12) denuncia uma desvalorização preocupante de tudo aquilo que é considerado “inútil” aos olhos utilitaristas contemporâneos.

[...] a utilidade dos saberes inúteis contrapõe-se radicalmente à utilidade dominante que, em nome de um interesse exclusivamente econômico, está progressivamente matando a memória do passado, as disciplinas humanísticas, as línguas clássicas, a educação, a livre pesquisa, a fantasia, a arte, o pensamento crítico e o horizonte civil que deveria inspirar toda atividade humana.

Em outras palavras, a lógica do nosso tempo transformou tudo em ferramenta para algo e, quando algo não serve para gerar lucro ou resultado rápido, logo é descartado como inútil. O problema é que essa mentalidade acaba matando justamente aspectos importantes da humanidade criada por Deus: a curiosidade, a imaginação, a memória e a capacidade de contemplar o que é belo ou verdadeiro sem precisar provar sua “utilidade”, etc.

Surpreendentemente (ou não), Lutero tem uma ou outra coisa para falar a respeito desta desvalorização. Ele escreve dois livros debatendo diretamente o assunto da educação, ambos contidos no volume 5 das *Obras Seleccionadas*. O primeiro, “Aos conselhos de todas as cidades da Alemanha para que criem e mantenham escolas cristãs”, de 1524, dirigido aos governantes das cidades alemãs, conclama-os a fundar e sustentar escolas para a formação de líderes capazes de servir tanto à igreja quanto ao Estado, defendendo o estudo das línguas clássicas e da Escritura como meio de preservar e difundir o evangelho.

O segundo, “Uma prédica para que se mandem os filhos à escola”, de 1530, redigido durante seu exílio em Coburgo, exorta especialmente os pais a reconhecerem sua responsabilidade diante de Deus de enviar os filhos à escola, mostrando que a educação não é apenas um dever civil, mas uma vocação cristã que contribui para o bem espiritual e social. Em ambos, Lutero apresenta a educação como instrumento divino para a manutenção da fé e da ordem, integrando a formação intelectual e moral no contexto da vida cristã.

É interessante notar que, no século 16, uma visão meramente utilitarista também fazia parte do contexto do mundo, especialmente daqueles

que justamente não tiveram acesso a uma “educação formal”. Ao que tudo indica, este era justamente um dos argumentos usados por alguns pais que se recusavam a enviar seus filhos à escola, afinal de contas estudar, pensar e escrever além do básico, era visto como uma total perda de tempo.

A partir da leitura de Lutero, fica claro que o pensamento de que, se tudo era por graça, então nada além de encher a barriga era realmente importante. Além disso, por conta de alguns maus exemplos, muitos tomavam o caminho mais fácil e simplista de generalizar todos os que tinham profissões “inúteis” (como a de escritor, por exemplo) como sendo preguiçosos.

A resposta de Lutero leva cerca de três páginas, mas, em resumo, ele ressalta que são justamente esses ofícios (ele cita escritor, pregador e professor) que exigem o uso das melhores faculdades do ser humano (mente, língua, razão) e demandam esforço constante, ainda que não envolvam força física como outros trabalhos tidos como úteis. Ele cita até exemplos de nobres e imperadores que reconheceram a importância dos secretários, escritores e professores para a sociedade.

Há os que pensam que o ofício do escritor é simples e fácil. Mas montar armado, suportar calor, frio, pó, sede e outros incômodos, isso sim seria um trabalho de verdade. [...] Sem dúvida, eu teria dificuldades se tivesse que montar armado. Por outro lado, gostaria de ver o cavaleiro capaz de ficar sentado quieto o dia inteiro com os olhos fixos num livro, mesmo que não precisasse preocupar-se com nada, nem imaginar, pensar ou ler qualquer coisa. [...] Três dedos bastam, se diz a respeito do escritor, mas todo o corpo e a alma estão empenhados (Lutero, 2011a, p. 356).

Assim, Lutero conclui que desprezar esses trabalhos tidos como inúteis é desprezar o próprio Deus que os instituiu. Portanto, todos os ofícios, sejam manuais ou intelectuais, podem ser vocações divinas a serem exercidas com responsabilidade, e vistas como bênçãos e dom para o bem do próximo. Além do mais, a velha máxima “O abuso não tolhe o uso” pode e deve ser aplicada com estes maus exemplos: “O sol permanece sendo bom, ainda que todo o mundo abuse dele, um para roubar, outro para assassinar, um para cometer esta, outro, aquela malvadeza” (Lutero, 2011a, p. 355).

Mas se algumas das suas pedras já começaram a cair, é possível que você tenha se surpreendido ao perceber que o termo “inútil” tenha se tornado um sinônimo tão forte de sem-valor, ruim, negativo, enquanto “útil” equivale a algo positivo, estimado, esperado. Foi este o choque que o mesmo Rubem Alves, antes citado, trouxe certa vez a um grupo de idosos:

“Inúteis” – comecei a minha fala solenemente. “Então os senhores e as senhoras finalmente chegaram à idade em que são totalmente inúteis...” Foi um pandemônio. Ficaram bravos, me interromperam e trataram de apresentar as provas de que ainda eram úteis. Da sua utilidade dependia o sentido de suas vidas. Minha provocação dera o resultado esperado. Comecei, mansamente, a argumentar. “Então vocês encontram sentido para suas vidas na sua utilidade. Vocês são ferramentas. Não serão jogados no lixo. Vassouras, mesmo velhas, são úteis. Uma música do Tom Jobim é inútil. Não há o que fazer com ela. Os senhores e as senhoras estão me dizendo que se parecem mais com as vassouras que com a música do Tom... Papel higiênico é muito útil. Não é preciso explicar. Mas um poema da Cecília Meireles é inútil. Não é ferramenta. Não há o que fazer com ele. Os senhores e as senhoras estão me dizendo que preferem a companhia do papel higiênico à do poema da Cecília...” (Alves, 2004, s/p).

Agora, imagine-se na posição desses idosos. Ou, melhor: imagine que um estudante da sua turma de instrução de confirmandos tomasse coragem e chegasse a você dizendo que achava tudo aquilo que eles estudavam nas aulas algo inútil. O que você faria?

É bem provável que você entraria numa posição apologética e trataria imediatamente de apontar várias utilidades para aquilo que se estuda na instrução. Você falaria sobre como a fé tem influência nos resultados de tratamento de doenças (Ortiz, 2025), sobre como pessoas que tem fé encontram mais sentido para a sua vida e, por isso, tendem a cometer menos suicídio, (Brum; Basso, 2019), que pessoas que vivem sua fé são mais saudáveis e felizes (Wondracek, 2025), que mais da metade (65,4%) dos vencedores do Prêmio Nobel entre 1901 e 2000 são cristãos (Shalev, 2003), que ter fé melhora a sua capacidade de produção e o seu sucesso no mundo dos negócios (Grou, 2024), e assim por diante.

Além disso, você defenderia com unhas e dentes a ideia da utilidade da instrução de confirmandos para o melhor entendimento e o melhor

aproveitamento das coisas que Deus nos oferece na igreja: o culto, a Palavra, os sacramentos, etc. Você também falaria sobre como é importante saber quem eu sou, quem Deus é, o que eu merecia e o que eu recebi pela graça de Jesus Cristo por meio da fé, notícia esta que me garante a vida eterna ao seu lado já agora e para sempre.

Assim, a instrução de confirmandos, pelo menos no seu entender, estaria mais do que justificada perante aquele adolescente: instrução de confirmandos não é inútil, mas é muito útil! E eu preciso concordar em todos os sentidos com você! É mesmo, a instrução de confirmandos é e sempre será muito útil para tudo isso que foi mencionado anteriormente, e ainda por muitos outros motivos. Inclusive, sem este último parágrafo, em especial, instrução de confirmandos não seria instrução de confirmandos!

Surpreso? Lembre-se, não se trata de um contra o outro, mas, sim, dos dois juntos! A questão que vem agora é: Será que isso é tudo? Será que as coisas que ensinamos na instrução de confirmandos se limitam ao seu aspecto útil? Será que a fé cristã só tem valor na medida em que ela é útil para conseguir alguma outra coisa? Aliás, tem mais alguma coisa além da utilidade nas aulas da instrução de confirmandos?

PARA ALÉM DA UTILIDADE

“Se meu filho sabe calcular e ler, é o que basta. Agora existem livros em alemão, etc.” [...] Se tu, idólatra, não queres preocupar-te com o que é divino e honroso e somente correr atrás de teu ídolo, não obstante Deus encontrará pessoas que se preocupem (Lutero, 2011a, p. 328-239).

Parece que tudo na vida precisa ter uma função, um porquê. O poeta, escritor, tradutor e agitador cultural brasileiro Paulo Leminski (1944-1989) denunciou tal pragmatismo absoluto em seu tempo afirmando que temos deixado o mundo e a lógica do mercado invadir e impregnar-se por toda a vida humana. “Num mundo assim, todas as coisas têm que ter um porquê. Exatamente porque, no universo da mercadoria, tudo tem que ter um preço. Tudo tem que dar lucro. O porquê é o lucro, no plano intelectual das coisas” (Leminski, 2012, p. 132).

Leminski está dizendo que vivemos numa sociedade tão centrada na lógica do mercado que começamos a aplicar essa mesma lógica a tudo na vida. Ou seja, passamos a exigir que tudo tenha uma razão prática, uma utilidade imediata ou um retorno, como se cada ação, ideia ou objeto precisasse gerar lucro ou benefício direto. Para ele, isso empobrece a vida humana, porque nem tudo precisa servir a um propósito; há valor nas coisas apenas por existirem, sem que precisem “produzir”. Em outras palavras, Leminski nos alerta contra transformar a vida em mercadoria, esquecendo que o prazer, a curiosidade e a contemplação também têm importância.

Apenas como exemplo, pense nas implicações que este pensamento utilitarista pode ter nos debates sobre aborto ou eutanásia. Pense no debate sobre a inclusão de pessoas com deficiências físicas ou intelectuais. Pense na importância que isso tem quando falamos sobre o cuidado com pessoas idosas e acamadas. Só tem valor aquilo que é útil?

Se defendemos que tudo deve haver uma utilidade, perceberemos rapidamente que, na prática cotidiana, isso não é assim (e nem pode!). Há uma boa parte da nossa vida que é simplesmente e maravilhosamente inútil, quer estejamos atentos a ela, quer não. O ponto é que admitir isso parece, de certa forma, vergonhoso no nosso tempo.

Se, por outro lado, defendemos que nem tudo deve necessariamente ter uma utilidade, podemos sentir medo do que os outros pensarão ao defendermos isso (como eu estou agora!), ou mesmo poderemos sentir culpa em momentos inúteis, dizendo coisas como: “Eu deveria estar fazendo isto ou aquilo para ser produtivo!”

O próprio Lutero aponta a hipocrisia de seu tempo no que se refere às coisas úteis e inúteis quando se dirige aos conselhos das cidades alemãs, solicitando que deem mais atenção às escolas cristãs. Com o advento da tradução da Bíblia para o alemão, muitos consideravam inútil aprender as línguas clássicas, por exemplo, afinal tudo já estava na língua do povo: “De que nos adianta ensinar latim, grego e hebraico e outras artes liberais? Não se poderia ensinar a Bíblia e a palavra de Deus em língua alemã, o que nos basta para a salvação?”, objeta o interlocutor imaginado pelo autor. Sempre muito *delicado*, Lutero (2011b, p. 310) responde:

Sim, infelizmente sei muito bem que sempre seremos chamados e haveremos de ser bestas e bichos loucos [...]. Apenas me admira

por que não dizemos também: ‘Que nos interessam seda, vinho, especiarias e este tipo de produtos estrangeiros, quando nós mesmos temos na Alemanha vinho, trigo, lã, linho, madeira e pedras em abundância para nosso consumo, e não somente isto, mas temos inclusive seleção e escolha para honrarias e joias?’ As ciências e as línguas, que não nos prejudicam, mas que, pelo contrário, nos servem de ornamento, proveito, honra e promoção (tanto para o entendimento da Sagrada Escritura como também para dirigir o governo secular), a estas queremos desprezar; os produtos estrangeiros, porém, que não nos são necessários nem úteis, e que, além disso, nos escorçam até os ossos, destes não queremos prescindir! Não é com razão que tais pessoas sejam chamadas de tolos e bestas?”

Lutero usa a seda, o vinho, especiarias, mas talvez nós poderíamos usar hoje o futebol, o churrasco, a cerveja, as festas, tudo isso que é inútil, mas que não abrimos mão mesmo sabendo que o é. Na verdade, para Lutero, fica muito claro que a questão nunca foi o debate entre o útil e o inútil, pois, se assim o fosse, os conselheiros das cidades e as famílias que não queriam investir em educação ou mesmo as pessoas comuns que não queriam enviar os seus filhos à escola por julgar aprender línguas clássicas e as artes liberais algo inútil,² também não se preocupariam com importação de vinho, lã, pedras preciosas, etc., já que tudo aquilo também existia na Alemanha. A questão parecia mesmo estar na baixa valorização dos saberes tidos como inúteis e no utilitarismo generalizado que fazia com que só se pensasse em “encher a barriga”.

Mas a vida cristã não pode ser resumida ao utilitarismo pragmático que reduz o valor das coisas àquilo que me trará vantagem ou lucro. Isso porque, como bem observa Ordine (2016, p. 18), “o olhar focado no objetivo a ser alcançado não permite mais desfrutar a alegria dos pequenos gestos cotidianos e descobrir a beleza que pulsa na nossa vida. Muitas vezes, percebe-se melhor a grandeza exatamente nas coisas mais simples”.

Perde-se muito ao adotar uma postura estritamente utilitarista, especialmente quando falamos sobre o ensino confirmatório, além de cair em

2 As sete artes liberais formavam a base da educação medieval e renascentista, divididas em *trivium*, a linguagem das coisas (gramática, lógica e retórica) e *quadrivium*, a matemática das coisas (aritmética, geometria, música e astronomia). No tempo de Lutero, esta era a educação formal básica.

um erro teológico muito grave. Se ficamos presos no utilitarismo de dizer que alguma coisa só tem valor, só tem importância se estiver conectado a uma utilidade, então reduzimos Deus, o seu louvor, a sua criação, a um mero objeto que utilizo para conquistar alguma coisa para mim mesmo.

Devido à nossa limitação física, nos ateremos a alguns aspectos “inúteis” que podem se revelar impressionantemente úteis no ensino confirmatório, tanto no sentido de conteúdo e reflexão, quanto no sentido de método e prática de sala de aula: a contemplação da criação; as brincadeiras e dinâmicas; e as artes.

A contemplação da criação

Se as línguas não tivessem outra utilidade, não obstante nos deveria alegrar e estimular com razão o fato de se tratar de um tão maravilhoso e nobre dom de Deus com o qual Deus contemplou e agraciou a nós alemães tão ricamente, muito mais do que a outros países (Lutero, 2011a, p. 310-311).

Quando Deus termina sua maravilhosa obra da criação, o texto de Gênesis nos diz que ele olha para o que havia criado e decreta que tudo “era muito bom” (Gn 1.31). A criação não era uma coisa “boa” por causa da sua essência, mas, sim, por ter sido obra do bom Criador.

Vem, então, o segundo capítulo que nos fala sobre o sétimo dia: “E, havendo Deus terminado no sétimo dia a sua obra, que tinha feito, descansou nesse dia de toda a obra que tinha feito. E Deus abençoou o sétimo dia e o santificou; porque nele descansou de toda a obra que, como Criador, tinha feito” (Gn 2.2-3).

Agora, responda: Para que serve o descanso a um Ser que não se cansa? É óbvio que este “descansar”, de Gênesis, não tem a ver com um “cansaço de Deus” no mesmo sentido em que nós nos cansamos e precisamos descansar. Nós precisamos de descanso físico (aliás, não é justamente nos dias de descanso que muitos de nós sentem-se culpados por não produzir nada? Por não ter sido úteis?). Deus, no entanto, não se cansa, e é assim que o “descansar” aqui tem a ver com um cessar, parar, repousar “da atividade cumprida e não da inatividade, pois Ele nutre o que cria” (Kidner, 2001, p. 50).

Deus não precisava descansar, mas voluntariamente decide parar e, por que não dizer, *aproveitar* o dia com a sua criação, criando assim uma convocação para que, neste dia de descanso, além do descanso físico, a criação e o seu Criador encontrem-se num momento especial que chamamos de culto.

Assim, o dia do descanso também faz parte do *ex nihilo* da criação de Deus, ou seja, Deus não foi forçado por nada a criá-lo, mas de boa vontade, por graça e por amor, o criou. Nesse sentido, somos forçados a concluir que, pelo menos da perspectiva de Deus, a criação foi “inútil”, na medida em que Deus não criou tudo *a fim de conquistar algo* que precisava ou não tinha. Nada faltava a Deus, para que, através da sua criação, ele conseguisse atingir algo que já não tivesse. Pelo contrário, a criação, como vimos, é *ex nihilo*, e justamente

[...] porque Deus criou o mundo *ex nihilo* por um livre ato de vontade, nenhuma razão para a criação de Deus pode ser determinada. Deus não precisava do mundo; ele não é determinado por nada fora de si. Nada fora dele levou Deus a criar. Nem na criação Deus se permitiu tornar o que não tinha sido. Nenhum novo potencial ou possibilidade foi dado a Deus por sua criação do mundo. Deus livremente, por si mesmo, quis criar (Weinrich, 2022, p.197-198).

É no sétimo dia que Deus aproveita tudo o que ele havia criado, ao passo que conclama toda a sua criação a fazer o mesmo junto dele. Mas quando se pergunta à Bíblia o porquê de tal ato tão “inútil” como descansar no sétimo dia, é que a resposta fica interessante. O próprio Deus responde ao dar o terceiro mandamento ao seu povo em Êxodo 20.11, dizendo: “Porque em seis dias o Senhor fez os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há e, ao sétimo dia, descansou; por isso o Senhor abençoou o dia de sábado e o santificou”.

Nenhuma explicação utilitarista, nenhuma argumentação sobre a importância do descanso para a boa performance do corpo, nenhuma explanação sobre como ir no culto é importante para ter mais saúde mental. Nada. Por que paramos neste dia, descansamos, aproveitamos a criação e vamos à igreja? Porque foi assim que Deus fez, e é assim que o seu povo também faz.

É possível que esta afirmação ainda lhe traga certa estranheza, afinal de contas a criação de Deus serve para absolutamente tudo o que o ser humano faz, já que todas as coisas, visíveis e invisíveis, são parte da criação direta ou indireta de Deus. Mas lembre-se que não é uma questão de um sobre o outro, de um melhor do que o outro: é uma tensão. Ao mesmo tempo útil e inútil!

Será que nossos estudantes do ensino confirmatório têm o hábito de admirar e aproveitar a criação fora das pequenas telinhas dos seus celulares? Temos dedicado tempo na instrução de confirmandos para a contemplação da bela e boa criação de Deus? Ou será que julgamos isso como uma perda de tempo, algo que eles podem fazer por conta em casa? Será que farão? Se fizerem, será que atribuirão à obra criadora de Deus ou ao acaso dos milhões e milhões de anos da evolução?

A própria ideia do cuidado para com a criação pode ser pensada sob este aspecto do útil e inútil. Há, pelo menos, dois motivos pelos quais as pessoas se importam com a criação de Deus: um motivo que costumo chamar de “egoísta” (e que, agora, vejo que poderia chamar de “utilitarista”!) e outro que eu chamo de “o motivo bíblico”.

O motivo egoísta é aquele que se importa com a criação de Deus simplesmente porque, e na medida em que, ela me serve: eu preciso dos recursos da criação de Deus e, por isso eu a cuido e a preservo. Este é o pensamento mais fácil e rápido, sempre presente nos discursos para a proteção do meio ambiente: “Devemos cuidar do meio ambiente para continuarmos tendo recursos, para que as novas gerações possam continuar a viver em um planeta habitável”, etc.

Mas, usando este pensamento meramente egoísta ou utilitarista, fica difícil defender a preocupação com aquelas partes da criação de Deus que não me ajudam diretamente. Nesse pensamento, por que me preocuparia se tal espécie está entrando em extinção, ou se o deserto está ficando mais quente ou não devido à ação humana: eu não estou no deserto e nunca vi nenhum animal desta espécie! A visão egoísta ou utilitarista limita o cuidado para com a criação de Deus, e este limite se encontra em mim mesmo: eu defino o que quero cuidar e o que não quero cuidar a partir de quanto aquilo traz retorno (é útil) para mim.

No entanto, há outro motivo pelo qual podemos nos importar com a criação de Deus. Ele é mais simples do que possa parecer, e está baseado em

Gênesis 2.15: “O Senhor Deus tomou o homem e o colocou no jardim do Éden para o cultivar e o guardar”. Ora, por que se importar com a criação de Deus? Porque Deus colocou o homem no jardim para isso!

É óbvio que, através do cuidado para com a criação, o ser humano se beneficia. Mas ainda que a criação nada nos desse em troca, mesmo assim caberia a nós, cristãos, guardá-la como um jardineiro guarda um jardim de flores para o seu patrão sem nunca poder comer ou comercializar seus frutos. Por quê? Porque Deus assim o disse. Perceba que este propósito está no cerne da criação humana segundo Gênesis e não está vinculado apenas a um sentido útil para o ser humano, mas também a um sentido inútil. No terceiro dia, Deus criou tanto as úteis árvores frutíferas e ervas, quanto as inúteis flores e a relva.

Assim diz também Lutero, como vimos no início desta seção, sobre as línguas clássicas mediante a possível crítica de seus interlocutores quanto à necessidade de se aprender outras línguas, já que tudo já estava em alemão. Ainda que as línguas nada nos dessem em troca (o que acabam nos dando e muito!), mesmo assim nós, cristãos, deveríamos honrar, nos alegrar e estimular uns aos outros para que as estudássemos, já que elas são um presente de Deus através do qual ele fala a nós.

Se Deus, que nada precisava, criou por pura liberdade, graça e misericórdia, como poderíamos nós, pobres criaturas, desprezar o deleite na sua obra por considerá-la inútil mediante o nosso julgamento sobre se algo nos dá alguma coisa em troca ou não? A contemplação da criação não é perda de tempo, mas nos conduz do presente visível ao doador invisível.

Jamais me esquecerei de uma disciplina do mestrado com o dr. Charles Arand, chamada “God and Creation” (Deus e a criação). Um dos trabalhos finais desta disciplina consistia em observar algo da criação uma vez por semana, durante uma hora por todo o semestre e, ao final, produzir uma reflexão sobre esta observação relacionada com as muitas leituras feitas durante a matéria. Decidi observar a árvore que havia na frente da biblioteca do Concordia Seminary, em St. Louis. Vi-a bem verdinha no verão. Eu a vi também mudando de cor e perdendo todas as folhas no outono, e, por fim, devido às reformas na biblioteca, de repente, não a vi mais, pois havia sido cortada.

Refleti sobre a bênção que Deus nos permite ter em compartilhar a criação com outras criaturas, pois, no verão, as crianças brincavam debaixo

da sombra daquela árvore, e, no outono, quando já começava a esfriar, o raro sol podia passar por entre os seus galhos e chegar um pouco melhor naqueles que passavam por lá. Refleti também sobre a morte que o pecado introduziu no mundo, e como ela pode nos pegar de surpresa, tendo em vista que, de uma semana para a outra, a árvore já não estava mais ali, o que nos alerta a estarmos bem preparados com a fé em Jesus.

O que, no início, parecia algo muito inútil (parar uma hora por semana para olhar uma árvore), no fim, tornou-se algo muito produtivo e útil para minha reflexão teológica. Descobri ali mais uma utilidade do inútil.

Quando paramos, descansamos e olhamos para aquilo que Deus fez, somos lembrados de que a vida não se sustenta pelo nosso trabalho, pelo nosso fazer, pelas nossas conquistas, mas pelo verbo que disse “haja” e ainda hoje sustenta todas as coisas. Assim, o dia do descanso e a contemplação da criação nos libertam da escravidão do *fazer* e nos colocam novamente sob a graça: nada precisamos acrescentar, apenas *receber* pela fé.

De certa forma, usando um paralelo meio esdrúxulo, poderíamos dizer que assim como não fazemos boas ações *a fim de* conseguir favores com Deus (útil), mas as fazemos *porque já* recebemos tudo o que precisávamos de Deus “para que andássemos nelas” (Ef 2.8-10), assim também a contemplação, o maravilhamento e o cuidado para com a criação não exigem necessariamente uma finalidade útil, mas reside na própria ação divina e no seu mandamento: “para o cultivar e o guardar”.

Brincadeiras e dinâmicas

Pela graça de Deus, está tudo preparado para que as crianças possam estudar línguas, outras disciplinas e História com prazer e brincando. [...] que é tudo isso senão meras brincadeiras de criança nas quais os gregos outrora educaram suas crianças e do que resultaram pessoas excelentes, preparadas para toda a sorte de atividade (Lutero, 2011b, p. 319).

Brincadeiras são coisas tão inúteis! “Ora”, dirá alguém, “eles podem brincar em casa, na escola, no seu celular. Igreja é lugar de coisa séria!” Mas será que “brincadeira” precisa ser antônimo de “coisa séria”? Não é possível tornar até mesmo a inútil brincadeira em coisa útil para aprender?

Lutero (2011b, p. 306) urgia que algo mudasse no ensino no seu tempo.

É bem verdade: se as universidades e conventos continuarem como estão, sem a aplicação de novos métodos de ensino e modos de vida para os jovens, preferiria que nenhum jovem aprendesse qualquer coisa e que ficassem mudos. [...] Visto, porém que Deus nos agraciou tão ricamente, concedendo-nos uma grande quantidade de pessoas aptas a instruir e educar maravilhosamente a juventude, é necessário que não desperdicemos a graça de Deus e não o deixemos bater em vão às nossas portas.

Ao lembrar da sua época na escola, ele se lamenta por ter sido torturado com “declinações e conjugações e, de tantos açoites, tremor, pavor e sofrimento não aprendemos simplesmente nada”. (Lutero, 2011b, p. 319). Na verdade, até não muito tempo atrás, a escola ainda praticava os castigos físicos, e as brincadeiras, quando muito, limitavam-se aos recreios.

Lamentava ainda Lutero (2011b, p. 323):

Durante todo esse tempo tivemos que nos satisfazer com professores e mestres deste tipo: eles próprios nada sabiam e não era capazes de ensinar nada de bom e decente, e também não conheciam os métodos como aprender e ensinar. De quem é a culpa? Não existiam outros livros além desses loucos dos monges e sofistas. Que era de se esperar a não ser alunos e mestres tolos como os livros que ensinavam? Uma gralha não produz uma pomba, e um tolo não produz um sábio.

No entanto, Lutero (2011b, p. 319) vislumbrou que, através da boa formação de mestres e mestras, esse tempo estava passando e que, “pela graça de Deus, está tudo preparado para que as crianças possam estudar línguas, outras disciplinas e História com prazer e brincando”.

No campo da pedagogia, há muito que a brincadeira tem sido encarada com uma dupla finalidade: ao mesmo tempo, algo útil e inútil. Como defende a doutora em educação Tânia Ramos Fortuna (2011), em sua tese de doutoramento intitulada “A formação lúdica docente e a universidade”, o brincar, embora muitas vezes considerado uma perda de tempo dentro da lógica produtivista (ou utilitarista), constitui um dos espaços mais ricos

de formação, tanto humana, de um modo geral, quanto docente, de um modo específico.

A autora demonstra que, quando o professor brinca ou permite que seus alunos o façam, não está suspendendo o processo de aprendizagem, dando uma pausa na aula ou mesmo perdendo tempo, mas está ampliando o processo de aprendizagem para além da dimensão meramente racional e técnica, alcançando também o campo da sensibilidade, da imaginação e do prazer de aprender. Em outras palavras, quando o professor usa aquilo que é inútil na sua aula, ele mostra ao estudante que aquele momento é como todos os outros momentos da vida, isto é, envolve todos os aspectos humanos e não só o cognitivo.

A ludicidade, portanto, é “inútil” para quem mede o valor do ensino em resultados imediatos, mas é profundamente “útil” para a construção de sentido, para a formação do sujeito e para o fortalecimento do vínculo educativo.

[A brincadeira] não apenas contribui para a construção das estruturas de conhecimento, ou, eventualmente, leva à aprendizagem de conteúdos específicos; ela é, ela mesma, aprendizagem, porque a ação é o que a define, e a ação é a unidade mínima tanto do desenvolvimento, quanto da aprendizagem (Fortuna, 2018, p. 58).

Nesse sentido, a reflexão dessa autora dialoga com a ideia de que a “utilidade do inútil” é o que dá vida à experiência pedagógica. Talvez poderíamos dizer que brincar, nesse contexto do ensino confirmatório, é experimentar a fé de forma encarnada, relacional, significativa e simbólica.

Nem sempre será possível brincar, é óbvio! Educar não envolve apenas prazer e brincadeira, mas envolve também o “incômodo” de sair da zona de conforto e de aprender algo que não sabia, ou mesmo corrigir algo que achava que sabia. No entanto, não é por isso que não se pode pensar em usar intencionalmente brincadeiras e dinâmicas a fim de engajar melhor os estudantes.

Como falamos sobre a doutrina da criação no último tópico, permita-me trazer um exemplo de dinâmica (algo inútil!) que pode ser muito útil para começar uma conversa sobre o que o pecado causou na bela criação de Deus.

Em um círculo, peça que os alunos pensem e anotem a resposta da seguinte pergunta: “Se você pudesse ser o criador por um dia, o que você criaria?” Em seguida, peça que os alunos desenhem aquilo que eles criariam. Quando cada um entregar, o pastor lerá em voz alta e mostrará para toda a classe. Logo em seguida, ele alterará alguma coisa da criação do estudante, fará um comentário em tom crítico e alterará algo daquela ideia (ex.: “chuva de chocolate” virará “chuva de brócolis”). Após o exercício, o grupo discutirá as seguintes perguntas: Como você se sentiu *criando* o que você criou? Como foi quando o pastor *alterou a sua criação*? Ele tinha *direito* de fazer isso?

Pensei nesta dinâmica enquanto escrevia o capítulo sobre a história da criação no livro para a instrução de confirmandos, escrito pela Comissão de Instrução de Confirmandos da IELB, em 2025. Nele, tanto elementos “inúteis” (imaginar, desenhar e nomear uma coisa inexistente) quanto elementos “úteis” (o debate sobre a relação da dinâmica com o ensinamento que será trazido no capítulo) aparecem como ferramentas potentes para envolver os estudantes na temática elaborada na aula que se segue.

Imaginem que empobrecimento teríamos se o pastor simplesmente chegasse e dissesse à sua turma: “Queridos alunos, com o pecado cometido por Adão e Eva, toda a humanidade se coloca no lugar de Deus e causa um grande estrago na sua boa criação”. Nada de errado haveria na fala do pastor, mas poderia ser tão melhor trabalhado através da utilidade do inútil!

Mas me permitam ainda trazer mais um aspecto para além do útil que as brincadeiras na instrução de confirmandos podem ter. Há um tempo, escrevi um texto para a Revista *Mensageiro Luterano* intitulado “apto a vincular”.³ Nele, argumento obviedades: além do conteúdo teológico, a instrução de confirmandos depende fortemente do vínculo afetivo entre pastor e confirmandos. O aprendizado não acontece de forma plena sem essa relação de confiança e acolhimento, algo já percebido na educação em geral. O mesmo Rubem Alves que mencionamos aqui várias vezes vai ao extremo de dizer: “Só aprendemos porque amamos o professor”.⁴

3 FELTEN, George Carlos. “Apto a vincular”. *Mensageiro Luterano*, São Leopoldo, 13 out. 2023. Disponível em: <https://mensageiroluterano.com.br/artigos/apto-a-vincular/>. Acesso em: 1 out. 2025.

4 ESPAÇONAVE DE LEITURA. *Encontro com Rubem Alves*. [S. l.], 2013. 1 vídeo (15min 57s). YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kwO5F90DuIY>. Acesso em: 1 out. 2025.

O apóstolo Paulo afirma que o pastor deve ser “apto a ensinar” (2Tm 2.24), mas ensinar não se limita à transmissão de conteúdos cognitivos; envolve também cuidar, ouvir e se interessar pela vida dos confirmandos, que, muitas vezes, chegam à instrução com pouco conhecimento bíblico e até com preconceitos em relação à igreja. É verdade que esse pouco conhecimento e o preconceito com a igreja, na maioria das vezes, são infundados e não são culpa do pastor ou da igreja. Mas enquanto debatemos de quem é a culpa, a geração vai passando sem que alguém tome a responsabilidade.

Um debate similar acontece no livro que Lutero (2011b, p. 308) escreve aos conselhos das cidades da Alemanha.

“Pois não”, objetas tu, “isso tudo diz respeito aos pais. Que tem eu a ver com isso?” Estás certo; no entanto, que acontece se os pais não o fazem? Quem o fará? Simplesmente não se fará nada e as crianças ficam negligenciadas? Acaso as autoridades e o conselho querem desculpar-se e dizer que isso não lhes diz respeito?

Lutero está nos lembrando que a responsabilidade pelo cuidado e instrução das crianças e jovens não pode ser ignorada apenas porque outro “deveria” fazê-lo. É verdade que a tarefa é injusta, pois o tempo em que os temos é muito pouco comparado ao tempo “fora”. Mas mesmo que os pais falhem ou que os pastores não tenham culpa pelo pouco conhecimento ou preconceitos que os confirmandos carregam, alguém precisa agir para que a instrução aconteça da melhor forma possível. Para Lutero, o silêncio ou a omissão diante da necessidade não é uma opção!

Nesse processo, talvez aquilo que possa parecer “inútil” (como brincadeiras, dinâmicas, jogos e retiros) possa revelar-se como precioso! Tais atividades não são perda de tempo, mas ferramentas poderosas que ajudam também a criar vínculos, despertar interesse e mostrar que a fé em Cristo envolve todos os aspectos da vida, não apenas o cognitivo. Atividades interativas, que envolvem não apenas o raciocínio, mas também o corpo e as emoções, conquistam o coração dos pequenos cristãos por meio do testemunho de um pastor apaixonado pela Palavra, por ensinar e pelos próprios estudantes (Mt 7.29).

Querendo ou não, um confirmando só participará integralmente da aula de instrução quando perceber a presença plena de seu pastor, e, como

lembra outro professor muito conhecido em nossos tempos, Mário Sérgio Cortella, “autoridade não é autoritarismo, e alegria não é o contrário de seriedade”.⁵

O uso das artes e outras formas de ensinar/aprender

Ora, a juventude tem que dançar e pular e está sempre à procura de algo que cause prazer. Nisto não se pode impedi-la e nem seria bom proibir tudo. Por que então não criar para elas escolas deste tipo e oferecer-lhes estas disciplinas? [...] Como lamento que não li mais poetas e livros de História e que ninguém nos ensinou (Lutero, 2011b, p. 319).

A arte também é, por excelência, algo “inútil”. Nisso, na verdade, reside parte de sua beleza: ela não precisa gerar lucro, retorno imediato ou auxiliar-nos a alcançar algum objetivo prático. Muitas vezes, sua contribuição está no prazer estético, na contemplação do belo ou na capacidade de despertar a imaginação por meio de histórias e símbolos.

Justamente por não se submeter à lógica da utilidade, a arte é frequentemente desprezada em tempos dominados pelo utilitarismo. Quando, em nossas aulas de instrução de confirmandos, deixamos de usá-la completamente, acabamos reforçando a falsa ideia de que o que é “inútil” carece de valor. No entanto, a arte pode ser um instrumento precioso para cultivar a sensibilidade, abrir espaço à reflexão e ajudar-nos a perceber a presença de Deus, o Criador, espelhada (ainda que num espelho muito embaçado) na beleza e na criatividade humanas, suas criaturas.

Lutero parece sugerir que a arte, como a dança citada no início desta seção, pode servir como meio para ensinar outras disciplinas, porque as crianças a procuram espontaneamente pelo prazer que lhes proporciona, ainda que muitos a considerem algo “inútil”. O reformador reconhece que o prazer estético pode ser um poderoso aliado na formação. Embora fale da dança, pouco depois ele amplia a reflexão, defendendo também o valor de “aprender a cantar e estudar música juntamente com toda

5 NOVA ESCOLA. *Mario Sergio Cortella responde: Qual a relação entre afetividade, vínculo e aprendizagem?* [S. l.], 2017. 1 vídeo (3min 34s). YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7bywstc8YF8>. Acesso em: 1 out. 2025.

a matemática”, refletindo a estrutura educacional de seu tempo e sua compreensão de que a arte e o conhecimento se entrelaçam na formação integral do ser humano.

Há um bom tempo as pesquisas na área da Pedagogia, da Psicologia e da Neurociência nos mostram que as pessoas aprendem de diferentes maneiras. O primeiro a propor algo nesse sentido foi o psicólogo norte-americano Howard Gardner, que argumentou a existência de vários “tipos” de inteligência, entre elas a inteligência linguística, a inteligência lógico-matemática, a inteligência espacial, a inteligência musical, a inteligência corporal-cinestésica, a inteligência naturalista, a inteligência interpessoal e a inteligência intrapessoal (Gardner, 1983).

Nos anos 90, Fleming e Mills (1992) discutem que os indivíduos apresentam diferentes formas de aprender, associadas às suas preferências sensoriais na recepção e no processamento das informações. A partir dessa constatação, os autores desenvolveram o modelo VARK, que identifica quatro modalidades principais de aprendizagem através de um questionário:⁶

Quadro 1 – Visão sintética do modelo VARK

Modalidade	Recursos de aprendizagem
Visual (V)	Compreensão ocorre por meio de imagens, diagramas e gráficos.
Aural (A)	Vínculo com a escuta e a oralidade.
Read/Write (R)	O centro está na leitura e na escrita.
Kinesthetic (K)	Baseada em experiências práticas e no contato direto com situações reais.

Fonte: Criação própria (2026).

Essas modalidades demonstram que cada pessoa tende a assimilar o conhecimento de modo particular, dependendo da forma como percebe e organiza os estímulos sensoriais do ambiente.

Agora pare para refletir: nas aulas de ensino confirmatório, será que, de alguma forma, em algum momento, abordamos essas diferentes formas

⁶ Você pode acessar uma versão deste questionário no site: <https://vark-learn.com/questionario/>. Acesso em 6 out. 2025.

de ensino/aprendizagem? Leitura e escrita eu imagino que sim, mas e meter a mão na massa? Será que usamos, volta e meia, a aprendizagem acústica (talvez em música)? Em algum momento trazemos alguma imagem para ser lida e interpretada pelos estudantes? Será que em algum momento das nossas aulas, abordamos outras formas de ensinar que vão além da leitura do texto e de sua interpretação, das perguntas e respostas, da produção textual? Será que estamos na busca criativa de trazer coisas diferentes para o ensino confirmatório, ou temos medo e receio de transformá-lo em “entretenimento”?

É óbvio que, na prática, o professor não será capaz de fazer todas as aulas perfeitas que tenham todos esses aspectos o tempo todo. Também é óbvio (como vimos no ponto anterior) que não será por causa disso que o professor simplesmente ignorará a existência das diferentes formas de ensinar/aprender e fará sempre a mesma coisa: leitura, perguntas, respostas, conversa (ou monólogo!), produção textual, etc.

Eu sei, é fato que as agendas de todos estão sempre muito cheias. Mas não defendemos sempre que temos como prioridade as crianças e os adolescentes na igreja? Quanto tempo dedicamos na preparação das aulas de instrução de confirmandos? E na busca de outros recursos para aprimorar as aulas? Temos buscado outras formações (tanto em nossos educandários quanto em outros centros de formação especializados) para melhorar a nossa “aptidão para ensinar”? “Uma gralha não produz uma pomba, e um tolo não produz um sábio”, afirma Lutero (2011b, p. 323), que também diz em outro momento: “Se o professor acha esse trabalho enfadonho, como há muitos, que se o demita e se procure outro para os alunos, que abrace a tarefa de insistir [...] com os alunos” (Lutero, 2000, p. 309).

O ensino confirmatório não é somente sobre ensinar, e, sim, sobre aprender. Aliás, existe ensino do professor sem a preocupação com a aprendizagem do estudante?

Certa vez pedi aos alunos do 8º ano do Ensino Fundamental do colégio onde sou capelão e professor de Ensino Religioso, para que fizessem um trabalho. O assunto que abordo neste ano é a doutrina da criação e, por conseguinte, a nova criação *já* inaugurada por Cristo, mas *ainda não* concluída plenamente. Separei os alunos em duplas e trios. Eles deveriam ler Apocalipse 21 e 22 e, a partir desta leitura, produzir uma maquete de

como imaginavam que seria a nova terra. Usamos dois períodos de 50 minutos para a confecção dessa maquete. Na apresentação, os alunos deveriam explicar cada elemento colocado na maquete e justificar com a passagem bíblica o motivo de tê-lo colocado.



Figura 1 – Estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental do Colégio Luterano Arthur Konrath de Estância Velha, RS, apresentam maquete sobre a Nova Jerusalém na aula de Ensino Religioso. Fonte: do autor.



Figura 2 – Detalhe da maquete: cidade suspensa. Fonte: do autor.

Talvez pelas imagens não seja possível perceber, mas na gravura mais à direita é possível notar que os estudantes colocaram a cidade suspensa, o que me fez questionar o porquê da escolha. O aluno simplesmente abriu a sua Bíblia em Apocalipse 21.2 e leu: “Vi também a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus, preparada como uma noiva enfeitada para o seu noivo” (ênfase adicionada). Perceba que, a partir de uma atividade inútil (fazer uma maquete), os estudantes se engajaram na busca bíblica e aprenderam muitas coisas úteis!

E eu poderia ainda citar outras tantas atividades que podem ser feitas no ensino confirmatório, como pinturas em tela, esculturas de argila, confecção de vitrais religiosos com cartolina e celofane, criação de paródias musicais, interpretação e avaliação de canções, escrita de poemas, criação de “gestinhos” para músicas que ainda não os têm, produção de

vídeos informativos e/ou divertidos, produção de mapas mentais, cartazes, desenhos, dobraduras, balões, e assim por diante.

Tudo isso, em um primeiro momento, parecem ser coisas inúteis, mas, na verdade, são ótimos recursos para o enriquecimento das aulas, para o respeito à forma como cada aluno aprende e para um vínculo maior e mais divertido entre estudante e professor, entre confirmando e pastor.

CONSIDERAÇÕES

Agora argumentas: “Quem pode dispensar seus filhos deste modo e transformar a todos em aristocratas? Eles têm que cuidar do serviço em casa”, etc. [...] Minha ideia é a seguinte: os meninos devem ser enviados a estas escolas diariamente por uma ou duas horas e, não obstante, fazer o serviço em casa, aprender um ofício ou para o que sejam encaminhados, para que as duas coisas andem juntas enquanto são jovens e podem dedicar-se a isso” (Lutero, 2011b, p. 320).

Este trabalho buscou trazer uma reflexão sobre a importância das coisas úteis e inúteis no ensino confirmatório. É bem verdade que falamos mais daquilo que é inútil por compreender que estamos muito bem equipados com tudo aquilo que é útil. Mas a ideia por trás do texto todo é perceber que até mesmo aquilo que parece inútil pode ter uma consequência fantástica, a tal “utilidade do inútil” na instrução de confirmandos.

Como já concluímos antecipadamente, Lutero propõe um equilíbrio entre o útil (no caso da citação, aprender tecnicamente um ofício e ajudar nas coisas de casa) e o que era considerado por alguns do seu tempo como inútil (no caso da citação, essas escolas que traziam brincadeiras, dança, música, história, poesia, etc.). Compreendemos, portanto, que tal equilíbrio também deve ser trazido nas aulas de ensino confirmatório, pois o pressuposto desse momento catequético não é ser algo completamente desquitado da realidade, mas, sim, mostrar que a fé se vive, tem a ver com a vida que vai desde o batismo até a sepultura. E como é a vida?

Na vida, nem tudo é necessariamente justificado através do ponto de vista do que hoje nossa sociedade define por útil (o que dá lucro, o que traz coisas em troca, algo através do qual se é beneficiado, etc.). Muitas das coisas mais belas e importantes em nossa vida são completamente inúteis.

Por que seria diferente no ensino confirmatório? Por que não mostrar para os pequenos crentes como é bela a criação do nosso Deus? Por que não lhes mostrar quão divertido pode ser pensar e refletir sobre as coisas de Deus através de brincadeiras? Por que não ampliar a possibilidade de expressão daquilo que o estudante compreendeu, através das artes e dos recursos criativos que vão além do texto e das perguntas? Por que não aproveitar esta utilidade do inútil para aumentar as possibilidades de vínculo entre o estudante e a figura do pastor, entre o crente e a igreja?

Mas é possível ainda que, ao final deste texto, você, no mínimo, pense: “Mas que texto bem inútil esse daí!” Nesse caso, eu sorrio e lhe agradeço pelo elogio!

“Assim também vocês, depois de terem feito tudo o que lhes foi ordenado, digam: ‘Somos servos inúteis, porque fizemos apenas o que devíamos fazer’”
(Lc 17.10).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO. *A Doutrina Cristã* – Manual de Exegese e Formação Cristã. Trad. Ir. Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 2002.

_____. *Confissões*. Trad. Frederico Ozanam Pessoa de Barros. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

ALVES, Rubem. As duas caixas. *Folha de S. Paulo*, 27 abr. 2010. Coluna de Jornal. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2704201003.htm>. Acesso em: 29 set. 2025.

_____. A caixa de brinquedos. *Folha de S. Paulo*, 27 abr. 2004. Coluna de jornal. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u877.shtml>. Acesso em: 29 set. 2025.

BRUM, Maurício; BASSO, Murilo. O fenômeno global do suicídio. *Gazeta do Povo*, 4 maio 2019. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/ideias/fenomeno-global-suicidio/>. Acesso em: 29 set. 2025.

ESPAÇONAVE DE LEITURA. Encontro com Rubem Alves. [S. l.], 2013. Vídeo (15min 57s). YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kwO5F90DuIY>. Acesso em: 1 out. 2025.

FELTEN, George Carlos. Apto a vincular. *Mensageiro Luterano*, São Leopoldo, 13 out. 2023. Disponível em: <https://mensageiroluterano.com.br/artigos/apto-a-vincular/>. Acesso em: 1 out. 2025.

FLEMING, Neil D.; MILLS, Colleen. Not Another Inventory, Rather a Catalyst for Reflection. *To Improve the Academy: A Journal of Educational Development*, Lincoln: University of Nebraska, v. 11, p. 137-155, 1992. Disponível em: <https://digitalcommons.unl.edu/podimproveacad/246>. Acesso em: 6 out. 2025.

FORTUNA, Tânia Ramos. A formação lúdica docente e a universidade: contribuições da ludobiografia e da hermenêutica filosófica. 2011. 425 p. (Tese de Doutorado apresentada à Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul [UFRGS], Porto Alegre). Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/35091/000793590.pdf>. Acesso em: 13 out. 2025.

_____. *Brincar é aprender*. Jogos e ensino de história. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2018.

GARDNER, H. *Frames of mind: the theory of multiple intelligences*. New York: Basic Books, 1983.

GROU, J. Rodolfo. A importância da espiritualidade no ambiente de trabalho e seu impacto na performance profissional. *Maringá Post*, 15 abr. 2024. Disponível em: <https://maringapost.com.br/colunas/2024/04/15/a-importancia-da-espiritualidade-no-ambiente-de-trabalho-e-seu-impacto-na-performance-profissional/>. Acesso em: 29 set. 2025.

KIDNER, Derek. *Gênesis: Introdução e Comentário*. Trad. Idayr Olivietti. São Paulo: Vida Nova, 2001.

LEMINSKI, Paulo. *Ensaio e anseios crípticos*. Campinas: Ed. Unicamp, 2012.

LUTERO, Martinho. Uma prédica para que se mandem os filhos à escola. Trad. Ilson Kayser. In: *Martinho Lutero: Obras Seleccionadas*, v.5. p. 326-364. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia; 2011a.

_____. Aos conselhos de todas as cidades da Alemanha para que criem e mantenham escolas cristãs. Trad. Ilson Kayser. In: *Martinho Lutero: Obras Seleccionadas*, v.5. p.302-325. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia; 2011b.

_____. Instrução aos visitantes dos párocos. Trad. Ilson Kayser. In: *Martinho Lutero: Obras Seleccionadas*, v.7. p. 259-312. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia; 2000.

- NOVA ESCOLA. Mario Sergio Cortella responde: Qual a relação entre afetividade, vínculo e aprendizagem? 2017. YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7bywstc8YF8>. Acesso em: 1 out. 2025.
- ORDINE, Nuccio. *A utilidade do inútil*: um manifesto. Trad. Luiz Carlos Bombassaro. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.
- ORTIZ, Brenda. Fé ajuda na cura? Conselho Federal de Medicina cria Comissão de Saúde e Espiritualidade. *G1 Distrito Federal*, 16 mar. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2025/03/16/fe-ajuda-na-cura-conselho-federal-de-medicina-cria-comissao-de-saude-e-espiritualidade.ghtml>. Acesso em: 29 set. 2025.
- SHALEV, Baruch Abba. *100 years of Nobel Prizes*. New Delhi: Atlantic Publishers and Distributors, 2003.
- WEINRICH, William. Criação. In: NAFZGER, Samuel H.; LUMPP, David A.; TEPKER, Howard W. [ed.]. *Confessando o Evangelho*: uma abordagem luterana da Teologia Sistemática, vol.1. Trad. Rudi Zimmer. Porto Alegre: Concórdia, 2022. p. 159-250.
- WONDRACEK, Karin Kepler. Religião deve ser ensinada desde cedo? Pesquisa sugere que sim. *Folha de S. Paulo*, 27 jun. 2025. Seção Opinião. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2025/06/religiao-deve-ser-ensinada-desde-cedo-pesquisa-sugere-que-sim.shtml>. Acesso em: 29 set. 2025.